

A SEMANA – 160

John Gledson

O teatro, por isso mesmo que mudou muito ao longo do século, serve para considerações sobre a passagem do tempo. Associa-se à juventude de Machado, e sobretudo ao teatro realista, no Ginásio Dramático, nos primeiros anos da década de 1860. Aqui, porém, o foco é diferente, porque as lembranças têm origem distinta, *anterior*. A peça esquecida e relembrada, que o próprio Machado acha – ou finge? – que não viu, foi das primeiras que criticou n’*O Espelho*, quando tinha vinte anos. Remonta a um gênero mais ingênuo e popular do que as peças de Augier e Dumas Fils que menciona mais tarde, *en passant*. Ou simplesmente mais “brejeiro” ou ousado, como o canção do Alcazar, posterior (com as suas meias lavadas, que reaparecem em *Dom Casmurro*, cap. 58). Estas velhas peças voltavam à cena em parte pela penúria do teatro contemporâneo, ainda não recuperado da crise da Revolta Naval. Talvez o episódio central da crônica, embora longe do teatro, seja o do realejo de Roma e Pedro Luís – o que por sua vez explica os bonecos de pau, aparentemente irrelevantes. É o apelo persistente das emoções simples para o homem culturalmente sofisticado.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 223-227.



A SEMANA

23 de junho de 1895

[Edição, apresentação de notas por John Gledson]

Não vou ao extremo de atribuir à Fênix Dramática qualquer intenção filosófica ou simplesmente histórica.¹ Não; a Fênix, como todos os teatros, publicou um anúncio. Mas o que é que não há dentro de um anúncio? Durante muitos anos acreditei que as “moças distintas, de boa educação” que pedem pelos jornais “a proteção de um senhor viúvo”, eram vítimas de ódios de família ou da fatalidade, que buscavam um resto de sentimento medieval neste século de guarda-chuvas. Como supor que eram damas nobremente desocupadas que procuravam emprego honesto? Um anúncio é um mundo de mistérios.

O que a Fênix mandou inserir nos jornais não traz mistérios. É a lista do espetáculo composto de várias partes, das quais duas especialmente fazem assunto desta meditação. A primeira é uma comédia: *Artur ou dezesseis anos depois*.² Quando li este título tive um sobressalto; depois, não sei que fada pegou em mim, pelos cabelos, e levou-me através dos anos até aos meus tempos de menino. Caí em cheio entre os primeiros bonecos que vi na minha vida: eram de pau! De pau e tinham graça. Santos bonecos, oh! bonecos do meu coração, éreis sublimes, faláveis com eloquência e sintaxe, conquanto fosse eu que falasse por vós; mas a criança tem o mau vizo de crer que tudo o que diz é perfeito. Éreis sinceros; não conheceis isto que os franceses chamam *fumisterie*, e que, pela nossa língua, poderíamos dizer (aproximadamente)

¹ A Fênix Dramática estava na rua da Ajuda, perto do morro do Castelo. Especializava-se em operetas, *vaudevilles* e peças leves. Foi demolida no bota-abaixo, em 1908. Reproduzimos, ao final da crônica, dois anúncios muito parecidos aos que Machado menciona, do dia 13 de maio de 1895, e do dia 9 de junho de 1895 – ambos d’*O Paiz*. Neles, vê-se que a cançoneta ora traz o título de *Ora brinca Mariquinhas* (primeiro anúncio), e ora o de *Ora tomas, Mariquinhas!* (segundo anúncio). A peça, por sua vez, ora se chama *Artur, ou 16 anos depois* (primeiro anúncio), ora *Artur ou depois de 16 anos* (segundo anúncio).

² *Arthur ou seize ans après*, drama *vaudeville* em dois atos, de Charles Désiré Dupeuty, Louis Marie Fontan, e Charles Joseph Locillard d’Avrigny. Estreou em Paris em 1838, teve sucesso, e foi bastante popular no Brasil desde ao menos 1847. Machado escreveu uma crítica curta da peça, então representada no teatro S. Januário, na segunda crônica teatral que publicou n’*O Espelho*, 18 de setembro de 1859.

debique. Não, bonecos da minha infância, vós não me debicáveis; nem com a sintaxe, nem sem ela.

Nesse tempo não tinha visto a comédia, que era³ pelo seu verdadeiro gênero, um *vaudeville*. Também não a vi depois, nem agora. Sei que antigamente se representou no teatro de S. Pedro de Alcântara e no de S. Francisco.⁴ A data da composição está no próprio subtítulo, moda que se perdeu, e na denominação dos atos: 1.º *O batismo do barco*; 2.º *O amor de mãe*. Ignoro os nomes dos artistas que a representavam. Podia ser a Jesuína Montani, que se fizera célebre na *Graça de Deus*, ou a Leonor Orsat,⁵ afamada na *Vendedora de Perus*, títulos que trazem a mesma data e o mesmo esquecimento.⁶ Em volta da peça agora anunciada, vi aparecer uma infinidade de sombras, como D. João viu surgir as das mulheres que o tinham amado e perdido. As velhas reminiscências têm a particularidade de trazerem a frescura antiga; eu fiquei calado e cabisbaixo.

Pedro Luís, o epigramático forrado de poeta,⁷ contou-me um dia que, estando em Roma, certa noite, ouviu tocar um realejo e não pôde sustar as lágrimas. Que os manes de meu amigo me perdoem esta revelação! Aquele espírito fino e sarcástico chorou ao som de um banal instrumento. Certo, ele não estava ao pé das ruínas da antiga Roma, pois que tais ruínas pediam antes a música do silêncio. Havia de ser em alguma rua ou hospedaria; mas demos que fossem ruínas. A linguagem natural delas é a da caducidade

³ Aurélio acrescenta uma vírgula aqui, ausente na *Gazeta* e em Mário de Alencar.

⁴ O teatro de São Pedro de Alcântara, no Rossio (agora praça Tiradentes), era o teatro mais antigo do Rio, e um dos maiores. O de São Francisco ficava perto, na rua do Cano; em 1855 passaria a se chamar Ginásio Dramático, e foi o local onde se representavam as novas peças “realistas”, francesas e brasileiras (a exemplo das duas que Machado menciona, de Augier e Dumas – ver nota 10).

⁵ Esta vírgula não está na *Gazeta*, nem no texto de Mário de Alencar. Aurélio acrescenta, cremos que com razão.

⁶ Na verdade, quem representava no *Artur* que Machado criticou foi mesmo a Jesuína Montani, como se lê na própria crônica teatral mencionada na nota 2. Diz que “o caráter sentimental e travesso de *Artur* foi bem desenhado em cenas cheias pela Sra. Jesuína Montani. A leitora, como toda a população, conhece essa atriz de mérito, que com aplauso tem pisado todos os teatros da corte.” Acerca da *Graça de Deus*, não posso deixar de citar uma carta iluminadora de Orna Levin: “...creio que ele se refere à *La Grâce de Dieu ou La Nouvelle Fanchon*, de Adolphe Philippe D’Ennery e Gustave Lemoine, datada de 1841, que foi encenada a partir de 1845 nos palcos fluminenses, primeiro por João Caetano, quando ocupou o teatro S. Francisco, e em seguida pelo ator Germano, quando esse dirigiu a Companhia Dramática Nacional sediada no teatro S. Januário, no início de 1860. O D’Ennery foi um autor de dramas muito representado ao longo do século XIX no Brasil, onde a sobrevida dessas peças de cunho melodramático tiveram enorme sucesso. Esse repertório foi repisado inúmeras vezes, por décadas, porque continuava a atrair o público comum. Embora os dramas ditos realistas fossem do agrado da geração de Machado, o sucesso certo ficava por conta dos dramas antigos, garantindo a bilheteria”; a *Vendedora de perus* foi também criticada por Machado, na crônica teatral d’*O Espelho* de 18 de dezembro de 1859. Nesse momento, já era uma composição que “todos conhecem”. Machado não a elogia: “É uma intriga de corte como as *Duas Primas*, peca porém por ter os vícios desta sem lhe ter as virtudes; tem o aparato, mas como merecimento cênico a diferença é em seu desfavor.” Nela, efetivamente, apareceu Leonor Orsat Mendes (?-1915), atriz portuguesa.

⁷ Pedro Luís Pereira de Sousa (1839-1884). Grande amigo de Machado, que o menciona diversas vezes, inclusive n’“O velho senado”, onde diz que tinha “a graça, o sarcasmo, a observação fina e aquele largo riso em que os grandes olhos se faziam maiores.” Ver o verbete de Ubiratan Machado no seu *Dicionário de Machado de Assis*.

das coisas; nada mais fácil, em dado caso, que achar nelas um pouco de nós mesmos. Revia ele os dias da meninice, as festas da roça e da cidade? Foi então que algum tocador perdido na noite entrou a moer a música do seu realejo; era a própria voz dos tempos que dava alma às reminiscências antigas; daí algumas lágrimas.

Eu, não por ser mais forte, mas talvez por não estar em Roma, não chorei quando li o título de *Artur ou dezesseis anos depois*. Nem foi porque este outro realejo me trouxesse lembranças perdidas ou que eu julgava tais. Também eu vi, na infância, tocadores que paravam na rua, moíam a música e estendiam o chapéu para receberem os dois vinténs de espórtula. Cuido que ainda hoje fazem o mesmo; os meninos é que são outros, e os dois vinténs subiram a tostão.⁸ Deus meu! eu bem sei que um trecho de música de realejo não vale os *Huguenotes*,⁹ como aquela comédia pacata e sentimental não valia o *Filho de Giboyer* nem o *Pai pródigo*,¹⁰ que nós íamos¹¹ ver, tempos depois, no Ginásio Dramático, – o teatro que há pouco chamei S. Francisco, e hoje é, se me não engano, uma loja de fazendas.

Agora a segunda parte do anúncio da Fênix, que parece dar ao todo um ar de paralelo e compensação. A segunda parte é uma cançoneta, com este título sugestivo: *Ora toma, Mariquinhas!* Não posso julgar da cançoneta, porque não a ouvi nunca; mas, se¹² como dizia Garrett, há títulos que dispensam livros,¹³ este dispensa as coplas; basta-lhe ser o que é para se lhe adivinhar um texto picante, brejeiro, em fraldas de camisa. Não são dezesseis anos, como na comédia, mas trinta anos ou mais, que decorrem daquele *Artur* a esta *Mariquinhas*. Há uma história entre as duas datas, história gaiata, ou não, segundo a idade e os temperamentos. Daí a significação do anúncio e a sua inconsciente filosofia.

Os que tiverem ido ao teatro, levados uns pela velha comédia, outros pela cançoneta nova, saíram de lá satisfeitos, a seu modo. Também pode suceder, – e isto será a glória do anúncio, – que os da cançoneta não achassem inteiramente insípido o sabor da peça velha, e que os da peça velha sentissem o vinho das coplas subir-lhes à cabeça. Esses foram pela rua abaixo, de braço dado; enquanto o moço gargareja com a ingenuidade de Artur a rouquidão da cantiga nova, o velho recompõe um pouco da vida exausta com dois trinados da cançoneta.

⁸ Dois vinténs eram 40 réis; um tostão eram 100 réis.

⁹ *Les Huguenots* (1836), de Giacomo Meyerbeer (1791-1864), uma das óperas mais aparatosas do séc. XIX, e talvez a mais popular.

¹⁰ *Le Fils de Giboyer* (1862), peça anticlerical de Émile Augier (1820-1889), que provocou grande escândalo quando foi encenada na França; o *Pai pródigo* é *Un père prodigue* (1859), de Alexandre Dumas fils (1824-1895).

¹¹ “Víamos” na *Gazeta*. Erro evidente, corrigido por Mário de Alencar e Aurélio.

¹² Assim na *Gazeta* e Mário de Alencar. Aurélio coloca uma vírgula.

¹³ “E há títulos também que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possível escrever que os desempenhe como eles merecem.” *Viagens na minha terra* (1846), de Almeida Garrett (1799-1854), cap. 9.

A cançoneta, como gênero, nasceu no antigo Alcazar.¹⁴ A princípio as cantoras levantavam uma pontinha de nada do vestido, isso mesmo com gesto encolhido e delicado. Anos depois, nos grandes cancãs, mandavam a ponta do pé aos narizes dos cantores. O gesto era feio, mas haviam-se com tal arte que não se descompunham, posto se lhes vissem as saias e as meias, – meias lavadas. *Enfin, Malherbe vint...*¹⁵



THEATRO PHENIX DRAMATICA
CONGREGAÇÃO BENEFICENTE
GRANDE FESTA
HOJE SEGUNDA-FEIRA 13 DE MAIO HOJE
PRESENTE
organizado por uma comissão de senhoras em favor dos tres filhinhos orphãos da fatal tragedia da rua do Matoso na noite de 16 de abril.
Subindo à scena a sublime comedia-dramã em 2 actos, orçada de musica do prantado maestro Sá Soronha
ARTHUR, OU 16 ANNOS DEPOIS
A popular cançoneta
ORA BRINCAS MARIQUINHAS
Terminará o espectáculo com a comedia espirituosa costumes nacionaes em 1 acto do comedigrapho Arthur Azevedo, musica do prantado maestro F. Colas
UMA VESPERA DE REIS
MISE-EN-SCENE A CAPRICHIO, AO RIGOR DA ÉPOCA
N. B. — A comissão agradece generosamente ao corpo scenico e aos directores da Congregação Beneficente Phenix Dramatica, o seu valioso auxilio por esta festa de caridade e assim como ao respeitavel publico o seu valioso concurso, com mil votos de agradecimentos.
A Comissão.
O pequeno resto dos bilhetes acha-se à venda no bilheteiro do theatro, e na residencia da comissão à rua do Evaristo da Veiga n. 6, esq. do lado. As cadeiras tem a photographia dos beneficiados. Tocará nos intervalos uma banda de musica marcial.
Começará ás 8 1/2 horas da noite.

FONTE: *O Paiz*, p. 8, 13 maio 1895.

Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_02&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=12661.

THEATRO PHENIX DRAMATICA
Director de scena Gabriel da Luz — Regente da orchestra C. Louzada
HOJE DOMINGO 9 DE JUNHO DE 1895 HOJE
RÉCITA DA CONGREGAÇÃO BENEFICENTE
com a 5ª representação do festejado vaudeville em 2 actos, original de Duponty, Fontan e Davigni, traducção de Caetano Lopes, musica do immortal maestro portuguez Sá Soronha
ARTHUR
OU
DEPOIS DE 16 ANNOS
Denominação dos actos — 1º, O baptismo do barco; 2º, Amor de mãe — Este passa-se no palacio de lord Melvil e aquelle na costa de Portsmouth — O sympathico papel de Maria pela primeira actria Celina Bonheur — Segue-se o chistoso intermedio: O commendador Antunes, O Revmo. vigario! Ora tomas, Mariquinhas! As Incauças da Sabina, O Fundanguessú — O espectáculo terminará com a comedia de grande successo, do repertorio do theatro portuguez, intitulada O DIABO ATRÁS DA PORTA, em que tomam parte as actrices Maria Emilia e Georgina Vieira — Principará ás 8 1/2 em ponto — N. B. Os bilhetes de cadeiras de entrada nas galerias nobres.

FONTE: *O Paiz*, p. 10, 9 junho 1895.

Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_02&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=12893.

¹⁴ O Alcazar Lyrique, fundado em 1859 por artistas franceses, e que funcionou na rua da Vala (atual Uruguaiana) até 1880. Representava de preferência operetas e peças alegres. Tinha reputação de ser um ninho de vícios.

¹⁵ Palavras do elogio da revolução poética de François de Malherbe (1555-1628), de Nicolas Boileau (1636-1711) na *Art poétique*, chant I, v. 131-132: “Enfin Malherbe vint, et, le premier en France / Fit sentir dans les vers une juste cadence”. [“Enfim, veio Malherbe, e, primeiro na França / Fez sentir nos versos uma cadência justa”.]